

POR UMA ANTROPOLOGIA IMERSA NA VIDA

Thiago Mota CARDOSO*

INGOLD, Tim. **Estar vivo**: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição. São Paulo: Vozes, 2015.

Podemos considerar a tradução de *Estar Vivo* pela Vozes (no original em inglês *Being Alive*), primeira obra em português de uma vasta produção acadêmica de Tim Ingold, como um evento aguardado pela comunidade antropológica brasileira. A importância atual das obras de Ingold, um autor, como sugeriu Otávio Velho (2013, p.109), “intempestivo e excêntrico”, é inegável para a constituição de um “paradigma ecológico” nas ciências sociais (VELHO, 2001). Chamo atenção para esta importância, por exemplo, com sua rápida e intensa passagem pelo Brasil que redundou na publicação do livro *Cultura, Percepção e Ambiente* (STEIL; CARVALHO, 2012) e pela presença considerável de pesquisadores e estudantes brasileiros durante o evento *Beyond Perception 15*, um simpósio multidisciplinar ocorrido na Universidade de Aberdeen em 2015, endereçado a se debruçar sobre o trabalho de Tim Ingold durante os quinze anos passados à publicação de seu livro mais proeminente, o *The Perception of the Environment*.

Para quem não o conhece, Tim Ingold é um antropólogo britânico, nascido em 1948. Ele recebeu seu doutorado em 1976 ao realizar uma pesquisa etnográfica sobre ecologia, organização social e política étnica entre os Saami Skolt do norte da Finlândia. Ingold foi *chair* na Universidade de Manchester e é, desde 1999, professor em antropologia social na Universidade de Aberdeen, onde vem desenvolvendo uma série de projetos de pesquisa e ensino sobre as relações entre percepção, movimento, criatividade e habilidade, explorando tais conceitos nos campos da antropologia, biologia, arte, arquitetura e design.

* Doutorando em Antropologia. UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina – Pós-Graduação em Antropologia Social. Florianópolis – SC – Brasil. 88040-900 - thiagotxai@gmail.com

Ingold foi editor de publicações importantes como a *Man (Journal of the Royal Anthropological Institute)*, do *Companion Encyclopedia of Anthropology* e do *Key Debates in Anthropology*, afora uma série de livros e artigos de grande impacto.

O conjunto das obras de Ingold nos revela um autor visceralmente engajado em descortinar as partições ontológicas de nossa tradição intelectual, dissecando seus pressupostos dualistas e seus imperativos objetivistas, pondo em suspenso os chamados Grandes Divisores da modernidade, como nas aparentemente inquebráveis divisões entre natureza e cultura, sujeito e objeto e mente e mundo e, de forma inusitada, entre as mãos e os calcanhares, entre a visão e os outros sentidos. Ingold continua sua busca em realizar uma crítica da ciência ou “pelo menos das imagens, poderosas, que se formam a seu respeito” (VELHO, 2001). Entretanto, ele trata não apenas em apontar dualismos e denunciar as “ilusões” do modo de conhecimento modernista, mas em propor um “outro” engajamento na composição de um mundo “outro” a partir do seguir as vidas em suas ocorrências e fazeres e do fazer uma antropologia - ou porque não uma ecologia - imersa na vida mesma, o que o próprio Ingold denominou - em outro momento - de uma “antropologia para além do humano” (*anthropology beyond the human*) (INGOLD, 2013). Uma antropologia vista como uma arte especulativa e imaginativa, uma disciplina dedicada e implicada em explorar as condições de vida humana no mundo e suas potencialidades, em outras palavras, “filosofia com gente dentro”.

Este caminhar engajado na restauração da antropologia à vida recai em quatro fases de sua produção acadêmica. Uma primeira, na qual ele se debruça sobre o conceito de “produção”, uma segunda fase dedicada a “história” ou ao pensar à evolução e as relações entre biologia e cultura, após este momento, foca no “habitar” e por fim, a fase em que se encontra no momento, o de explorar a ideia de que a vida é vivida ao longo de “linhas” (p.26). Em cada fase Ingold caminhou por trilhas que entrelaçam os campos das humanidades com as ciências naturais – e mais recentemente nas artes e arquitetura - em jornadas e itinerários por entre etnografias e pelo uso produtivo de diversos autores da filosofia, como Martin Heidegger, Alfred North Whitehead, Henri Bergson, Karl Marx, Maurice Merleau-Ponty e Gilles Deleuze, passando pela biologia do desenvolvimento a partir de Susan Oyama, e pela psicologia ecológica de Irving Hallowel e James Gibson. Embora as fases se sucedam no tempo, elas, como o autor chama a atenção, não são estanques:

Tudo começou com a questão acerca do que significa dizer do seres humanos que sejam produtores de suas vidas. Mas não deixei de pensar sobre esta questão, uma vez que ela deu luz a outra: como é que, na produção de suas vidas, os seres humanos criam a história? Como, se assim de fato o for, deve esta história deve ser distinguida do processo de evolução no qual todas as criaturas vivas supostamente encontram-se apanhadas? Tampouco deixei de pensar acerca da história quando comecei a ver, no que chamei de perspectiva do habitar, uma maneira de superar a divisão arraigada entre os “dois mundos” da natureza e da sociedade, e de reinserir o ser humano e o devir no interior da continuidade do mundo da vida. E não cessei de pensar sobre o habitar nas minhas atuais explorações na antropologia comparada da linha, que cresceu a partir da constatação de que cada ser é instanciado no mundo como um caminho de movimento ao longo de um modo de vida (p.26).

Estar Vivo marca a fase atual de Ingold, e faz parte de um conjunto de obras em desenvolvimento. São dezenove capítulos, organizados em cinco Partes. Estas Partes são “Limpendo o terreno”, “A malha”, “Céu e Terra”, “Um mundo contado” e “Desenho fazendo escrita”. Os capítulos estão organizados em cada parte perfazendo um caminho que vai desde uma reflexão ontológica sobre a emergência dos materiais, o animismo e as malhas, passando pela forma do mundo (sua textura) e os modos de conhecê-lo, findando com uma proposta de uma antropologia que não deixaria de ser, para Ingold, uma antropografia. Segundo o autor, o livro é tecido com os “fios temáticos que o permeiam” (p.12), sendo cada capítulo um ponto particular, um nó que entrelaça fios que, ao serem seguidos por nossos movimentos de leitura pode, a princípio, serem lidos de qualquer lugar ou de qualquer ordem. O autor espera que ao fim de nossa jornadas possamos compreender as tecituras de seu argumento, quer seja, o de que “[...] se mover, conhecer e descrever não são operações separadas que se seguem uma as outras em série, mas facetas paralelas do mesmo processo – o da vida mesma [...]” (p.13).

A tese central da obra, se assim pudermos resumi-la, é o de que os seres humano produzem-se a si mesmos e uns aos outros num campo relacional, estabelecendo através de suas ações, as condições para seu crescimento e desenvolvimento. É neste sentido que o autor observa que, não diferentemente de uma pedra, de uma onça ou de um pássaro, os humanos são ocorrências, isto é, eles são suas histórias. No mundo historiado de Ingold, não há lugar para

uma ontologia das entidades fechadas pré-estabelecidas, assim como tampouco se pode falar em um ambiente, paisagem ou lugar enquanto entidades fechadas que serão ocupadas pelos organismos, estes também vistos como unidades estanques. As vidas humana e não-humana não seriam entidades fechadas para o mundo, mas sim abertas, como uma linha de devir. Organismos e as coisas estariam imersos na vida, habitando um mundo também aberto e em constante construção, seriam feixes aberto de linhas, um entrelaçamento de linhas de vida perpassado por um fluxo de materiais num espaço fluído. Assim delinea-se o conceito de vida, eixo central do livro.

Para o autor as coisas são vivas, e a vida é um ambiente inerente à circulação de materiais que continuamente dão forma às coisas assim como à sua dissolução e não são animadas por uma agência atribuída por um humano. O ser vivo, como um ser perceptivelmente engajado, se movimenta afetando e sendo afetado pelo mundo que também está em pleno movimento, e que este movimento entrelaçados a outros movimentos geram narrativas, sentidos e marcas de suas trajetórias. É neste sentido que as caminhadas, o andar – termo que Ingold usa de forma tanto concreta como metafórica - na terra-céu-tempo-vento é considerado por Ingold, como a forma primordial que os seres vivos habitam a terra, traçando em seus passos as linhas de seu próprio movimento, a história mesma de formação do mundo. Aqui residiria à crítica ingoldiana às noções ocidentais de lugar e paisagem, vistos como estruturas fechadas, contrários a vida ao invés de permitir seu fluxo contínuo. A textura do mundo, onde a vida se dá nos movimentos e caminhadas, se estruturaria não como natureza objetiva, nem mesmo como uma rede (uma *network*) ou uma assembleia, mas como uma malha relacional (*meshwork*) fruto da correspondência entre os movimentos das linhas de vida ao longo dos caminhos por quais andarilham e se transformam: uma ontologia materialista do devir.

Importante frisar que o autor, ao construir sua proposta de uma antropologia na vida está propondo que passemos a largo do que ele denomina de “modelo genealógico”, com seu duplo componente, o biológico e o cultural. Supomos – ou assim supõe os pensadores modernos - que os organismos, seu fenótipo e comportamento, são predeterminados pelas informações genéticas neles contidas e transmitidas às gerações. A diversidade biológica seria estruturada em táxons, a partir da diferenciação e semelhanças fenotípicas de organismos fechados. Em segundo lugar, supomos, a partir da bipartição humana, que com a aquisição da cultura, temos instalada uma programação em nossas mentes, dados transmitidos transgeracionalmente sem a qual o desenvolvimento humano não poderia

ocorrer. A cada conjunto de informações, uma cultura emerge. Em ambos os casos, observa Ingold, prevalece a noção de que certas características são instauradas, a partir de um processo de transmissão – seja ele genético ou cultural, independentemente do engajamento prático e de processos de tornar-se-com-de cada organismo e coisa no mundo. Se contrapondo ao modelo genealógico, Ingold propõe um modelo relacional e processual, e porque não, ontogenético para tratar do desenvolvimento humano e não-humano em seus ambientes.

Para poder construir sua proposta de uma antropologia da vida, Ingold se debruça, assim como o fez em *The Perception of Environment*, sobre os materiais. No capítulo 2 “materiais contra a materialidade” ele nos convida a pegarmos uma simples pedra e derramar água por cima dela e sentirmos o efeito de suas qualidades na relação água-pedra-ar, ao invés de pensarmos nela em termos de sua materialidade. Materialidade, seja dos artefatos ou da paisagem, seria uma abstração, ele argumenta, é um conceito que nos imputamos as coisas quando não conseguimos nos aproximar realmente do que ela é, transformando as coisas – como uma pedra – em objeto. Segundo Ingold, os materiais são ativos e se reduzíssemos eles a objetos estaríamos condenando-os à morte ou à matéria inerte, assim “[...] aprenderíamos mais se nos envolvêssemos com os materiais, seguindo o que acontece com eles enquanto circulam, misturam-se uns aos outros, solidificando-se e se dissolvendo, formando coisas.” (p.45).

Assim o faz, por exemplo, um habilidoso carpinteiro ao serrar uma prancha de madeira, ajustando seus movimentos com a textura mesma do material com o qual interage (ver capítulo 4). Materiais que são seus fazeres, suas qualidades, movimentos e forças e não objetos nos quais imputamos nossos projetos. Ou também um caminhante habilidoso atento ao movimento e à textura do chão em que pisa (ver capítulo 3), percebendo as coisas ao andar por ele. Um andar por uma paisagem que resulta do movimento dos materiais, das cristalizações e condensações da miríade de atividades em que nos engajamos ao longo de nossas linhas de vida. A vida material é tecida na paisagem, assim como paisagens são tecidas em vida, em um processo contínuo e interminável. Desta forma, como propõe Ingold, ao invés de focarmos na materialidade dos objetos deveríamos nos atentar para a vida das coisas, ou melhor, em “trazer as coisas à vida” (p.59), observando e seguindo os fluxos dos materiais e suas transformações, onde suas existências estariam marcadas por um incessante intercâmbio material, os componentes ativos de um mundo-em-formação.

Esta noção do material que nos brinda Ingold nos leva diretamente ao problema da agência. Argumenta Ingold que, num mundo de objetos “sufoca-

dos e paralisados”, neste “mundo de coisas sem vida” a única forma encontrada pelos “teóricos da cultura material” para “trazer as coisas de volta à vida”, foi aspergir entre os componentes do mundo material um “pó mágico” (p.62) que lhes confeririam agência e capacidade de movimento. Nesta abordagem a agência seria imaginativamente conferida às coisas ou, em outras palavras, a nossa mente determinaria a materialidade do mundo ao nosso redor ao neles impormos nossos conceitos e projetos. Segundo Ingold, levar os “materiais a sério” (p.67) não é uma questão de acrescentarmos a elas uma “pitada de agência”, mas restaurá-los aos fluxos geradores do mundo de materiais no qual eles vieram à existência e continuam a viver. Essa visão de que as coisas estão na vida ao invés do contrário - de que somos responsáveis em impor um “espírito que as anima”, uma alma ou força que está na matéria - se opõe diretamente a noção revisitada de animismo pela antropologia, como Ingold tratará mais detidamente no capítulo 5, “repensando o animado, animando o pensamento”.

A teoria do animismo, assim como a noção de agência, opera no que Ingold denomina de “lógica da inversão”, ou seja, “[...] através desta lógica, o campo de envolvimento no mundo, de uma coisa e pessoa, é convertido em um esquema interior cuja aparência e comportamento manifestos são apenas expressões exteriores.” (p.117). Desta forma, por meio da inversão, seres naturalmente abertos pra o mundo são fechados em si mesmos, “selados em uma fronteira externa ou casca” que protegeria o organismo das interações no seu ambiente. Inerte e sem vida própria, a sua animação só pode se dar por um agente externo que o anima. Ingold propõe inverter a inversão: pensemos em animacidade ao invés de animação ou agência. A animacidade do mundo da vida seria ontologicamente anterior à sua diferenciação. Em suma, a animacidade não resulta de uma introdução ou infusão de um espírito na substância ou de agência na materialidade, ou seja, não é uma propriedade das pessoas imaginariamente impostas às coisas, mas sim uma condição de estar vivo e em constante geração (p.116).

Nesta proposição anímica do mundo como proposto por Ingold, pressupõe considerarmos dois pontos. A primeira diz respeito à “constituição relacional do ser” e a segunda, concerne à “primazia do movimento”. Um organismo ou uma coisa são suas relações estabelecidas e vividas ao longo das linhas de vida, em trilhas por quais seguem num mundo que não é constituído por espaços abstratos, e nem por lugares e paisagens fechadas – outra inversão do pensamento ocidental -, mas sim por um mundo constituído por terra-ar e tempo-vento (ver capítulo 8), que proporcionam as condições para a vida ser vivida através de nossos sentidos e ações. Os organismos são suas linhas e seus movimentos

interativos, habitando um mundo aberto que se forma a partir das trilhas traçadas pelas miríades de linhas de vida. Trata-se então de um mundo de processos formativos e transformativos, um mundo de materiais, em constante devir num ambiente terra-ar-tempo-vento (p.183).

Contudo, estas linhas, não se estruturam de maneira semelhante daquelas linhas da Teoria do Ator Rede (ANT). As linhas ingoldianas não conectam, mas sim entrelaçam, são sobretudo malhas (*meshwork*) e não redes (*network*). As vidas são suas linhas e vividas nas linhas que se entrelaçam, tecendo as malhas, por onde relações entre vidas são performadas (capítulo 6): “Como a imagem sanguínea sugere, o organismo vivo não é apenas um, mas um feixe inteiro de tais linhas.” (p.141). No capítulo 7, Ingold ironiza – a meu ver de forma exagerada – a proposta ANT, como vem sendo proposta por exemplo pelos estudiosos das *sciences studies*, a partir de um imaginário diálogo de uma formiga (ANT) com uma aranha (SPIDER), onde está última seria uma “porta voz” das propostas ingoldianas das malhas, da primazia do movimento e das relações, e não das entidades e das conexões. Portanto este mundo holístico, aberto e em constante movimento, de Ingold se estrutura como *meshwork*, cabendo ao (a) antropólogo(a) entender como os seres podem habitá-lo, compreendendo os processos dinâmicos da contínua tecitura da textura do mundo em que estejam imersos.

Habitantes experientes, como os Koyukon, “sabem como ler a terra como um registro íntimo do vento e do tempo” (p.185). É com esta afirmação fundamental, que nos capítulos de 9 ao 11 Ingold adentra no mundo das paisagens. Advogando novamente contra a lógica da inversão, raiz do que ele denomina de “fechamento do mundo”, para Ingold, ao contrário, estar vivo é caminhar num mundo aberto, em fluxos constantes e contínuos sem começo, meio ou fim. Habitar o aberto, mais uma vez usando Heidegger, é viver num mundo-tempo no qual “cada ser está destinado a combinar vento, chuva, sol e terra na continuação de sua própria existência” (p.179), em movimentos hápticos (e não óticos) combinados e atividades vinculantes. Neste ponto, pensarmos na ideia de espaço seria mera abstração e se formos levar em conta os conceitos de paisagem ou lugar em nossas descrições antropológicas deveríamos o fazer nos desfazendo de seus objetivismo e dos dualismos que os subjaz.

Como se dá o conhecer num mundo em constante movimento e devir. Tal questão é desenvolvida por Ingold a partir da Parte 4. A resposta não estaria em nossas mentes, diria o autor. Nem mesmo num mundo dado a priori. O conhecimento não se daria numa geografia lateralmente integrada de locais fechados –

um mapa – com ressonâncias numa classificação verticalmente integrada – uma taxonomia. O que Ingold criticamente denomina de modelo genealógico. Um habitante conhece ao se movimentar ao longo de linhas, perpassando lugares sempre abertos durante suas jornadas e encontros. A partir da comunicação entre os Koyukon do Alasca e os animais Ingold propõe que os conhecimentos são malhas, emergem dos “nós” de histórias e entrelaçamentos, por onde emergem narrativas e não classificações do mundo (ver Capítulos 13 e 14). Pessoas conhecem o ambiente por meio da prática, através do envolvimento contínuo na percepção háptica e na ação dentro de um campo de relações estabelecidos através da imersão do ator-observador (p.234). Um bom conhecedor Koyukon é um bom contador de história, um praticante experiente que domina suas atividades e é capaz de educar a atenção dos seus pares e não de transmitir seus conhecimentos de uma mente para outra.

É neste caminho que Ingold propõe realizarmos uma antropologia gráfica, uma antropografia capaz de alinhar as linhas de vida do antropólogo em suas jornadas íntimas e atentas no descrever um mundo ao longo de suas atividades no ambiente, com a fluidez e abertura dos desenhos. Uma antropologia gráfica toma o desenho como seu meio, visando não uma descrição completa do que já existe, mas a se unir a pessoas e outras coisas nos movimentos de sua formação. Com uma afirmação um tanto controversa Ingold separa o texto e a imagem (para ele um modo fechado de descrição) do desenho, advogando em favor do último. E, por fim, no último capítulo, o Epílogo da obra, o autor ainda de forma polêmica, separa radicalmente a antropologia da etnografia. Enquanto ele reduz a etnografia à Sendo a antropologia o estudo “com” e não “de” pessoas, uma prática de imersão na vida social com a finalidade de fazer filosofia: “[...] fazer antropologia, atrevo-me a dizer, é como sonhar como um Ojibwa. Como um sonho, trata-se de continuamente abrir o mundo, em vez de buscar uma conclusão.” (p.341).

Resenhar esta obra não foi uma tarefa das mais fáceis. Em decorrência da complexa divisão de conteúdos, a tarefa de resenhar “Estar Vivo” se tornou um tanto problemática, demandando menos uma descrição passo-a-passo de cada capítulo e mais um debruçar sobre os principais conceitos e “pontos críticos” que ensejaram capacidades de ofertar ao leitor o interesse e questionamentos daquilo que Ingold vem chamando de uma antropologia na vida. A obra de Ingold oxigenou a antropologia mundial, e começa a marolar nos departamentos latino americanos. Cabe destacar a influência de seus escritos tanto para o debate entre animalidade e humanidade, como para a emergência da teoria sobre o

perspectivismo ameríndio (VIVEIROS DE CASTRO, 2010, p.22), como para revigorar uma “antropologia fenomenológica” (STEIL; CARVALHO, 2012) e uma “ecologia política” latino americana (TASK, 2012).

Impressiona na obra deste autor uma proposta revigorada para tratarmos da ideia de conhecimento, a partir dos movimentos, das habilidades e do habitar, o que pode ser produtivo em nossos esforços, por exemplo, para pensar a territorialidade ameríndia e de quilombolas que lutam por seus direitos territoriais, ao alinharmos nossas descrições com o materialismo e relacionalismo ontológico de muitos coletivos. Ou suas críticas às epistemologias e ontologias modernistas e seus antigos dualismos. Estes dois eixos de seus escritos me inspiraram na escrita de uma etnografia junto aos Pataxó, no extremo sul da Bahia, ao me movimentar com eles na descrição da poética e política do fazer e desfazer paisagens. Mas ao mesmo tempo escancarou seus limites.

Um deles, ao meu ver, diz respeito a sua “ontologia holística”. Ao longo de todo o texto de “Estar Vivo” encontraremos afirmações do tipo “o mundo é”. Este “o mundo é” é um proposto por Ingold a partir de todo um aparato filosófico e das etnografias. Este mundo verdadeiro se opôs a um falso, imaginário, o mundo como criado pelos habitantes das sociedades ocidentais. Um reforço a um antigo dualismo, entre nós e eles, entre os modernos e os tradicionais. Aqui Ingold cria um dualismo ao meu ver mais incisivo. Para “salvar” as ontologias animistas ele às submete às filosofia relacionalista ao mesmo tempo em que descarta o pensamento dos habitantes do ocidente, agora colocados no lugar em que antes eram dispostos os “tradicionais”, os “nativos”. Esta “*one world anthropology*” é ao mesmo tempo, um posicionamento diante dos pluriversais e multinaturais mundos dos atores da “virada ontológica”. “um mundo” aberto para uns e fechados para outros que continuam presos num “mundo de imaginação”.

Ao mesmo tempo, creio que acoplarmos nossas jornadas de vida com as coisas produzidas por Ingold possa nos levar para caminhos ainda não caminhados, mas como em muitas trilhas há pedras, obstáculos e escolhas. Algo que Ingold evita tratar. Em nossas jornadas de vida “linhas são cortadas”, vidas são despedaçadas e precarizadas em situações de violência em contextos políticos que passam incólumes na proposta ingoldiana. Sua forte ênfase na unidade da vida e pouco interesse no conflito e nos processos cosmopolíticos e das relações de poder, creio, seja um obstáculo para inserção mais ativa de Estar Vivo em nosso mundo, marcado por assimetrias de diversas ordens, onde barragens como Belo Monte e outras hidrelétricas são erigidas à força na Amazônia, fazendeiros

assassinam indígenas e os expulsam de suas terras e a polícia militar continua violentando corpos negros nos morros e bairros periféricos.

“Canibalizar” Ingold, como diria Otávio Velho, ruminantemente, talvez seja um modo de nos entrelaçarmos com suas obras sem nos deixarmos colonizar por uma proposta de vida, um tanto fluida demais. Vale a leitura.

REFERÊNCIAS

INGOLD, T. Anthropology beyond humanity. **Suomen Antropologi: Journal of the Finnish Anthropological Society**, Finland, v.38, n.3, p.5-23, 2013.

STEIL, C. A.; CARVALHO, I. C. M (org.). **Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012. (Série Antropologia Hoje).

TASK, J. Introduccion. In: INGOLD, T. **Ambientes para la vida: conversaciones sobre humanidad, conocimiento y antropologia**. Montevideo: Trilce, 2012. p.11-18.

VELHO, O. Epílogo. **Revista Eletrónica del Instituto de Altos Estudios Sociales**, Buenos Aires, v.7, n.11, p.109-112, 2013.

VELHO, O. De Bateson a Ingold: passos na constituição de um paradigma ecológico. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 7,n. 2, p. 133-140, 2001 .

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas canibales: líneas de antropologia postestructural**. Buenos Aires: Katz, 2010.

Submetido em 25/06/2016

Aprovado em 11/10/2016